

RESENHA

AUTOFICÇÃO E AS MENTIRAS QUE CONTAMOS, DE PHILIPPE BESSON

Janderson Gomes¹

Mentiras que contamos (Companhia das Letras, 2024) narra a autoficção de Philippe Besson, escritor francês contemporâneo, nascido em 1967, cujo trabalho se destaca pela recorrência de narrativas centradas na memória, na identidade e nas experiências afetivas atravessadas pelo silêncio e pela repressão social. A obra relata como ele, quando jovem em uma cidade pequena da França, conhece Thomas Andrieu, um rapaz de idade semelhante, bem-apessoado, introvertido e silencioso, mas que cativa todos ao seu redor. Philippe, no auge de seus dezessete anos, encontra em Thomas sua primeira paixão adolescente; é por meio desse encontro que ambos conhecerão o amor. Em 194 páginas, Besson que tem “a obsessão de inventar vida” (2024, p. 28), mergulha em sua história inventada.

A trama se situa nos idos de 1984, período em que a França enfrentava protestos massivos contra a proposta de integrar escolas privadas ao sistema público — o pai de Besson, inclusive, era professor —, o que forçou o governo de François Mitterrand a recuar do intento. A juventude vivia entre o conformismo e o desejo de liberdade, em meio à crise econômica, ao alto desemprego, aos sussurros do comunismo em uma região agrícola e à epidemia da AIDS, que começava a provocar medo e debates sobre sexualidade.

Num bucólico local ao sul de Angoulême, no livro de Besson, Thomas convidava Philippe para almoços às escondidas. Na mesa de um bar no subúrbio, enquanto fumava, Thomas confessaria seu desejo: “porque ele não é como os outros, porque eu só enxergo você, e você nem percebe” (Besson, 2024, p. 31). Os acontecimentos desenrolaram-se sobretudo no Colégio *Élie Vinet*: no pátio, nos arredores do ginásio e em espaços

¹ Mestrando em Letras; Literatura, História e Memória Cultural. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul -UEMS. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-8048-1896> . E-mail: 01274614180@academicos.uems.br.

simbólicos, como galpões escolares, que serviam de refúgio clandestino para um relacionamento marcado por tensões, beijos e segredos. No silêncio que pesava entre ambos, havia uma memória que se escondia por não caber no mundo. Para Philippe, o segredo foi abrigo. Para Thomas, foi uma prisão. Narrando em primeira pessoa como narrador-personagem, Besson funde memória e ficção de maneira íntima e reflexiva.

Assim nasce mais uma autoficção francesa, gênero difundido por nomes como Annie Ernaux (1940-) e Édouard Louis (1992-), o que amplia a contribuição do país para esse mercado literário. A autoficção, – auto (autobiográfico, confessional) + ficção (tudo aquilo que não é real, inventado, ficcionalizado) – termo “cunhado pelo escritor e professor de literatura Serge Doubrovsky (Paris, 1928-2017)” (Faedrich, 2022, p. 45) para seu livro *Fils* de 1977, é o subgênero do romance que melhor difundiu a mescla entre a mentira e a verdade que não pode ser contada.

Diferentemente da autobiografia tradicional, regida pelo chamado pacto autobiográfico (Lejeune, 2008) — na qual autor, narrador e personagem compartilham uma identidade assumida como verdadeira —, a autoficção opera em um território instável, no qual a experiência vivida é reelaborada pela linguagem literária. O termo autoficção, cunhado para designar narrativas que integram o real à ficção sem o compromisso de fidelidade factual, assume a memória como construção discursiva e não como restituição do vivido.

Contudente ou não, nesta vertente narrativa, é preciso coragem para enfrentar a realidade, ou o recorte social, no qual se está inserido de maneira idônea e íntegra. O "recontar" é necessário para que uma história impacte o leitor e seja convincente. Besson aplica essa lógica e brinca com o leitor ao afirmar que lhe conta uma mentira, afinal, a autoficção também pode sê-lo. A mentira do gênero reside no convencimento e na verdade expressa nas entrelinhas: a ambiguidade permeia todo o texto.

Besson conta sua história parecendo, por vezes, um terceiro, tensionando a experiência vivida e a elaboração narrativa. Essa situação é factual da autoficção, na qual o “eu que se lembra, o eu que escreve, o eu que viveu” reflete ao observar o próprio passado como matéria narrativa. Afinal, não é assim que fazemos ao contar um fato pessoal? Recriamos, pois a memória, ao ser narrada, deixa de ser restituição fiel do vivido, para tornar-se uma construção discursiva, marcada pela tensão entre autor, narrador e personagem — relação que Philippe Lejeune descreve como estrutural nas escritas de si (Lejeune, 2008).

Crescer exige sacrifícios. Ser adulto é firmar-se frente a um espelho que se chama vida, olhar o próprio reflexo e definir qual caminho deverá ser seguido são premissas que o protagonista da obra referida precisa enfrentar. Philippe, ao fim do colegial — nosso convencional Ensino Médio — já sabia que se mudaria e ganharia o mundo; era assim que Thomas Andrieu também o via, “sempre pensei que você nasceu para outro lugar”, dizia e disse em suas últimas palavras (Besson, 2024, p. 191). Thomas viveu uma vida interiorana, após o ensino médio, casou-se com uma espanhola, teve um filho, e essa história se inicia exatamente com ele; e morreu, de maneira trágica, com suas ausências de escolhas silenciosas: “Eu poderia me arrepender se tivesse tido escolha. Mas eu não tive uma” (Besson, 2024, p. 191).

Na realidade interiorana, poucos têm a possibilidade de escolher; muitos passam a vida sob a égide de uma mentira contada ao mundo e a si mesmos. A habilidade de Besson em ficcionalizar sua história, para relativizar as opções de vida, confere-lhe a qualidade de escritor com grandes potencialidades.

Qual o peso do silêncio de um homem que ama ao descobrir, cinco décadas depois, por uma carta, que “foi amor, evidentemente. E amanhã haverá um grande vazio”? Ao perceber que resta apenas o vazio preenchido por um livro que se inicia com “Em memória de Thomas Andrieu” (Besson, 2024), que sentimento se forma ao ser rasgada uma memória?. A carta não redime: fere. Invade a memória, costurada fragilmente pelo esquecimento, e inscreve na lembrança uma ausência irremediável.

Mentiras que contamos é um livro que sangra o que não pôde ser vivido. O amor existiu à margem, no não dito. As mentiras que contamos deveriam nos libertar, e não nos arrastar para labirintos frios. No “calabouço” da existência silenciosa, as lacunas viscerais permitem que escolhas irremediáveis se tornem gritos roucos. Não ser também é uma escolha, por vezes, solitária.

Philippe Besson não escreve para dizer a verdade, mas para reinventá-la. A fronteira torna-se explícita entre autobiografia e romance. Na autoficção, o que importa é o que poderia ter sido vivido se houvesse espaço e coragem. Ao narrar a ausência, esse escritor oferece a ilusão de uma presença. Este romance não é apenas sobre um amor perdido, mas sobre o preço do silêncio e o consolo que a escrita, mesmo mentirosa, pode oferecer. Uma cura. Contudo, talvez a única forma verdadeira de amar alguém seja, de fato, por intermédio da ficção.

Referências

BESSON, Philippe. *Mentiras que contamos*. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

FAEDRICH, Anna. *Teorias da autoficção*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2022.

Recebido em: 18/12/2025.

Aceito em: 04/02/2026.